

## **A HISTORICIDADE DA RESSURREIÇÃO: UM ESTUDO EXEGÉTICO DE 1 CORÍNTIOS 15.1-11**

The historicity of the resurrection: an exegetical study of 1 Corinthians 15.1-11

*Me. Gabriel Giroto Lauter<sup>1</sup>*

### RESUMO

O trabalho consiste no estudo exegético a partir do método histórico-gramatical do texto de 1 Coríntios 15.1-11. É feita uma abordagem inicial do texto, seguida da análise do contexto e do texto em si. Por fim, faz-se uma síntese dos elementos que foram observados durante o estudo. A despeito da existência, no período de escrita da carta, de grupos filosóficos que negavam a possibilidade da ressurreição, percebe-se que o apóstolo Paulo fez questão afirmar que a mensagem do Evangelho inclui a morte, o sepultamento e a ressurreição de Cristo. O apelo do apóstolo às testemunhas oculares da ressurreição evidencia a historicidade do fato. Entende-se, portanto, que é necessário que a Igreja se mantenha fiel e empenhe seus esforços para a pregação do Evangelho verdadeiro, fundamentado em acontecimentos históricos, mantendo viva entre os cristãos a esperança da ressurreição futura.

**Palavras-chave:** Ressurreição. Paulo. Evangelho. Coríntios.

### ABSTRACT

The paper consists in an exegetical study of the text of 1 Corinthians 15.1-11. An

---

<sup>1</sup>O autor é bacharel em Administração de empresas pela Universidade de Santa Cruz do Sul, bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Pioneira, mestre em Teologia pela Faculdade Batista do Paraná, professor e coordenador de extensão na Faculdade Batista Pioneira. E-mail: [gabriel@batistapioneira.edu.br](mailto:gabriel@batistapioneira.edu.br).

initial approach to the text is followed by an analysis of the context and the text itself. Finally, a synthesis of the elements that were observed during the study is made. In spite of the existence of philosophical groups denying the possibility of resurrection during the writing period of the letter, it is evident that the apostle Paul made it a point to affirm that the Gospel message includes the death, burial and resurrection of Christ. The apostle's appeal to the eyewitnesses of the resurrection highlights the historicity of the fact. It is understood, therefore, that it is necessary for the Church to remain faithful and to strive for the preaching of the true Gospel, based on historical events, keeping the hope of the future resurrection alive among Christians.

**Keywords:** Resurrection. Paul. Gospel. Corinthians.

## INTRODUÇÃO

A ressurreição de Cristo é o maior milagre da História ou é o maior embuste (...) A cruz sem ressurreição é símbolo de fracasso e não de vitória.<sup>2</sup>

A ressurreição de Jesus é um acontecimento único na história da humanidade. Para os cristãos, trata-se do evento histórico mais importante já registrado. A historicidade da ressurreição faz com que a fé cristã consista não apenas na instituição de princípios capazes de reger a vida comunitária, mas esteja alicerçada na esperança de uma ressurreição futura, garantida pela própria ressurreição de Jesus. No século XX, ganharam força no meio teológico algumas correntes que negaram a historicidade da ressurreição. Por essa razão, acredita-se que o estudo do texto de 1 Coríntios 15.1-11 pode contribuir para a reflexão acerca do tema. No texto selecionado, o apóstolo Paulo defendeu a historicidade da ressurreição de Cristo, colocando-a como elemento constituinte da mensagem do Evangelho e como base para a esperança da ressurreição futura de todos os cristãos.

O estudo<sup>3</sup> da passagem bíblica foi realizado a partir da metodologia histórico-gramatical, conforme o modelo proposto por Claiton Kunz.<sup>4</sup> Através do método histórico-gramatical, busca-se a compreensão do sentido da passagem, levando-se em consideração os antecedentes linguísticos, históricos, culturais e geográficos. O roteiro seguido para o estudo contemplou uma abordagem inicial do texto (visão

<sup>2</sup> LOPES, Hernandes Dias. *1 Coríntios: como resolver conflitos na Igreja* (Comentários Expositivos Hagnos). São Paulo: Hagnos, 2008, p. 273.

<sup>3</sup> Esse estudo foi parte integrante da dissertação de mestrado apresentada pelo autor ao programa de pós-graduação da Faculdade Batista do Paraná, em Agosto de 2015.

<sup>4</sup> KUNZ, Claiton André. Método histórico-gramatical. In: *Via teológica*. Curitiba: FTBP, 2008. n. 16, v. 2, p. 23-53.

geral, delimitação, crítica textual e tradução), análise do contexto (histórico, literário, cultural e, quando necessário, geográfico), análise do texto (incluindo questões léxicas, gramaticais, sintáticas e teológicas) e síntese. O texto utilizado como base foi o da 4ª edição revisada de “O Novo Testamento Grego”, incluindo o seu aparato crítico.<sup>5</sup>

## I. O TEXTO

1 Coríntios foi uma carta com orientações para uma igreja com muitos problemas. Dentre os muitos assuntos a serem esclarecidos, o apóstolo Paulo<sup>6</sup> tocou em um tema de suma importância, a saber: a realidade da ressurreição de Cristo. É esse acontecimento que dá aos cristãos a certeza da ressurreição futura. O apóstolo Paulo deixou claro que, ao contrário do que alguns estavam afirmando, a ressurreição de Jesus foi um fato confirmado por muitas testemunhas. A morte e a ressurreição de Jesus constituem a essência da mensagem do Evangelho. Foi justamente essa mensagem que o apóstolo Paulo recebeu e transmitiu aos irmãos de Corinto e era sobre essa verdade que eles deveriam permanecer firmados. Entretanto, hoje, perto de dois mil anos depois da época em que a carta foi escrita, é possível indagar: que implicações as palavras do apóstolo têm para a vida dos cristãos que vivem em um contexto pós-moderno? Ou ainda: essa mesma verdade permanece sendo fundamental? Através do estudo da passagem, buscar-se-á responder a tais perguntas.

### I.1 Visão geral

No texto de 1 Coríntios 15.1-11, o apóstolo Paulo declarou novamente aos irmãos de Corinto o Evangelho que lhes havia pregado. Alguns estavam perturbando a igreja com doutrinas falsas, contrariando o ensino acerca da ressurreição. Era necessário que os coríntios permanecessem firmes nas verdades que lhes haviam sido ensinadas, caso contrário, sua fé poderia ter sido em vão. Assim Paulo lançou novamente as bases da mensagem do Evangelho: Cristo morreu pelos pecados da humanidade e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras. Esses fatos não são fábulas inventadas (conforme o apóstolo Pedro também afirmou em 2 Pe 1.16), mas acontecimentos presenciados por centenas de testemunhas. Paulo apresentou uma lista de pessoas

<sup>5</sup> ALAND, Barbara; ALAND, Kurt (Orgs.). *O Novo Testamento Grego: quarta edição revisada*. SBB, 2012, 991 p.

<sup>6</sup> A questão da autoria de 1 Coríntios não será tratada neste trabalho. Com relação a isso, sugere-se a leitura de Mauerhofer (2010, p. 386-390).

que viram Jesus ressuscitado, incluindo a si próprio. Em vez de se orgulhar disso, ele reconheceu que, apesar de seu esforço, seu chamado e ministério foram frutos da graça de Deus. Independentemente de quem tenha sido o pregador do Evangelho, essa é a mensagem na qual os cristãos de Corinto creram e na qual deveriam permanecer.

O texto em estudo é de extrema importância, pois, através dele, o apóstolo Paulo afirmou que teve um encontro pessoal com Jesus e alertou a igreja contra ensinamentos diversos que estavam sendo pregados por aqueles que não o conheciam. A ênfase na historicidade dos eventos de morte e ressurreição é clara e mostra como a ressurreição representa um tema central para a fé cristã.

## 1.2 Delimitação

Antes do início da perícopé, o apóstolo Paulo vem tratando de questões relacionadas à ordem nas reuniões da igreja. Isso inclui temas como falar em línguas, profetizar e a participação das mulheres na igreja (14.1-3; 34ss). Os versos 38 e 40 do capítulo 14 marcam a conclusão da perícopé anterior. Isso fica claro especialmente pelo uso da conjunção ὥστε (“*hoste*”, “portanto”) em 14.39. A conclusão sobre as questões relacionadas com a reunião da igreja é que “tudo deve ser feito com decência e ordem” (14.40). Resolvidas essas questões, uma nova perícopé se inicia em 15.1.

Nesta nova perícopé, o tema central é o Evangelho que foi pregado pelo apóstolo Paulo aos irmãos de Corinto. Nas palavras deste, em 15.1: “O evangelho o qual evangelizei a vós (τὸ εὐαγγέλιον ὃ εὐηγγελισάμεν ὑμῖν, “*to euangelion ho euēngelisamen hymin*”). O término da perícopé é marcado pela afirmação feita em 15.11: “Assim proclamamos e assim crestes” (κηρύσσομεν καὶ οὕτως ἐπιστεύσατε, “*kēryssomen kai outōs episteusate*”). Até o verso 15.11, o apóstolo Paulo lançou as bases para a discussão seguinte, que se iniciará a partir do verso 12, a respeito daqueles que estavam afirmando que não há ressurreição dos mortos. Portanto, entende-se que a perícopé pode ser delimitada entre os versos 1 e 11.

## 1.3 Crítica textual

O texto escolhido apresenta variantes textuais em apenas um dos onze versículos estudados. As variantes do versículo 10, conforme a quarta edição de “O Novo Testamento Grego”<sup>7</sup>, são:

ἢ σὺν ἐμοί <sup>82</sup> A D<sup>1</sup> ψ 0150 0270<sup>c</sup> 33 81 104 256 263 365 424

<sup>7</sup> ALAND, Barbara; ALAND, Kurt (Orgs.). O Novo Testamento Grego: quarta edição revisada. Barueri: SBB, 2012, p. 510-511.

436 459 1175 1241 1319 1573 1852 1881 1912 2127 2200 2464 Biz  
 [K L P] *Lec* sir<sup>(p)</sup>. h pal cop<sup>sa, bo, fai</sup> arm eti geo esl Orígenes<sup>gr, lat 2/9</sup>  
 Ps-Dionísio Eusébio Dídimo<sup>1/5</sup> Crisóstomo Cirilo (Teodoreto);  
 Jerônimo<sup>5/8</sup> //  
 ἡ εἰς ἐμέ P<sup>46</sup> sir<sup>hmg</sup> Jerônimo<sup>3/8</sup> //  
 σὺν ἐμοί **ⲛ**\* B D\* F G 0243 0270\* 6 1739 it<sup>ar, b, d, f, g, o</sup> vg Orígenes<sup>lat</sup>  
<sup>7/9</sup> Dídimo<sup>4/5</sup>; Ambrosiastro Pelágio Maximino Agostinho  
 Quodvultdeus

A primeira leitura traz a expressão ἡ σὺν ἐμοί (“*hê syn emoi*”), literalmente “a que está comigo”. Essa leitura é atestada pelos Unciais Sinaítico (**ⲛ**, segunda revisão), Alexandrino (A), D (primeira revisão), entre outros (Y, 0150, 0270), por vários Minúsculos (33, 81, 104, 256, 365, 424, 436, 459, 1175, 1241, 1319, 1573, 1852, 1881, 1912, 2127, 2200, 2464), pelos manuscritos de tradição bizantina (K, L, P), pela maioria dos lecionários, por versões antigas como a siríaca (alguns manuscritos), copta (alguns manuscritos), armênia, etíope, georgiana, eslava, além de Orígenes, Pseudo-Dionísio, Eusébio, Dídimo (uma entre cinco ocorrências), Crisóstomo, Cirilo (citado por Teodoreto) e Jerônimo (cinco entre oito ocorrências). A segunda leitura traz ἡ εἰς ἐμέ (“*hê eis eme*”) e é atestada pelo Papiro 46, pela versão antiga Siríaca (Heracleana) e por Jerônimo (três entre oito ocorrências). A terceira leitura traz σὺν ἐμοί (“*syn emoi*”) e encontra-se presente nos Unciais Sinaítico (**ⲛ**, leitura original), Vaticano (B), D (leitura original), entre outros (F, G, 0243, 0270 original), em poucos Minúsculos (6, 1739), em versões antigas como a *Vetus Latina* (alguns manuscritos) e a vulgata, além de Orígenes (sete entre nove ocorrências), Dídimo (quatro entre cinco ocorrências), Ambrosiastro, Pelágio, Maximino, Agostinho e Quodvultdeus.

Roger Omanson (2010) explica que a segunda-leitura, ἡ εἰς ἐμέ (“*ê eis eme*”), representa uma alteração feita no sentido de harmonizar o texto com a mesma expressão que ocorre na parte inicial desse versículo. Portanto, possivelmente não represente a leitura original do texto. Há uma dificuldade em decidir entre a primeira e a terceira leitura, ou seja, entre a presença ou não do artigo ἡ, pois o mesmo pode ter sido omitido acidentalmente em alguns manuscritos, ou ter sido inserido de forma impensada em outros. O texto de “O Novo Testamento Grego” optou por manter o artigo, mas entre colchetes, indicando a incerteza quanto ao formato original. Por essa razão, a variante foi classificada como {C}, que indica um grau de incerteza maior. Contudo, “a presença ou não do artigo grego é mera questão de estilo, sem maior importância para o significado”.<sup>8</sup>

<sup>8</sup>OMANSON, Roger L.; SCHOLZ, Wilson. *Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do*

## 1.4 Tradução

O texto de 1 Coríntios 15.1-11, conforme a quarta edição de “O Novo Testamento Grego”, encontra-se transcrito a seguir:<sup>9</sup>

<sup>1</sup> Γνωρίζω δὲ ὑμῖν, ἀδελφοί, τὸ εὐαγγέλιον ὃ εὐηγγελισάμεν ὑμῖν, ὃ καὶ παρελάβετε, ἐν ᾧ καὶ ἐσθίκατε,

<sup>2</sup> δι' οὗ καὶ σφύζεσθε, τίνι λόγῳ εὐηγγελισάμεν ὑμῖν εἰ κατέχετε, ἐκτὸς εἰ μὴ εἰκὴ ἐπιστεύσατε.

<sup>3</sup> παρέδωκα γὰρ ὑμῖν ἐν πρώτοις, ὃ καὶ παρέλαβον, ὅτι Χριστὸς ἀπέθανεν ὑπὲρ τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν κατὰ τὰς γραφάς

<sup>4</sup> καὶ ὅτι ἐτάφη καὶ ὅτι ἐγήγερται τῇ ἡμέρᾳ τῇ τρίτῃ κατὰ τὰς γραφάς

<sup>5</sup> καὶ ὅτι ὤφθη κηφᾶ εἶτα τοῖς δώδεκα·

<sup>6</sup> ἔπειτα ὤφθη ἐπάνω πεντακοσίοις ἀδελφοῖς ἐφάπαξ, ἐξ ὧν οἱ πλείονες μένουσιν ἕως ἄρτι, τινὲς δὲ ἐκοιμήθησαν·

<sup>7</sup> ἔπειτα ὤφθη Ἰακώβῳ εἶτα τοῖς ἀποστόλοις πᾶσιν·

<sup>8</sup> ἔσχατον δὲ πάντων ὡσπερὶ τῷ ἐκτρόματι ὤφθη καὶ μοί.

<sup>9</sup> Ἐγὼ γάρ εἰμι ὁ ἐλάχιστος τῶν ἀποστόλων ὃς οὐκ εἰμι ἱκανὸς καλεῖσθαι ἀπόστολος, διότι ἐδίωξα τὴν ἐκκλησίαν τοῦ Θεοῦ·

<sup>10</sup> χάριτι δὲ Θεοῦ εἰμι ὃ εἰμι, καὶ ἡ χάρις αὐτοῦ ἡ εἰς ἐμὲ οὐ κενὴ ἐγενήθη, ἀλλὰ περισσώτερον αὐτῶν πάντων ἐκοπίασα, οὐκ ἐγὼ δὲ ἀλλὰ ἡ χάρις τοῦ Θεοῦ [ἡ] σὺν ἐμοί.

<sup>11</sup> εἶτε οὖν ἐγὼ εἶτε ἐκεῖνοι, οὕτως κηρύσσομεν καὶ οὕτως ἐπιστεύσατε.

Tradução<sup>10</sup>:

<sup>1</sup> E declaro a vós, irmãos, o evangelho que eu mesmo evangelizei a vós, o qual também recebestes, no qual também permanecestes,

<sup>2</sup> por meio do qual também sois salvos, se retendes a palavra a qual eu mesmo evangelizei a vós, a menos que em vão crestes. <sup>3</sup>

Pois entreguei a vós primeiramente o que também recebi, que Cristo morreu por nossos pecados de acordo com as Escrituras

aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010, p. 356.

<sup>9</sup> Devido ao limite de espaço, as análises léxicas para a tradução do texto foram omitidas.

<sup>10</sup> Em vez de uma tradução no português mais fluente, optou-se por manter uma tradução que mais se aproxime do texto original, com o objetivo de facilitar a identificação das características inerentes ao texto grego.

<sup>4</sup> e que foi sepultado e que foi ressuscitado no terceiro dia de acordo com as Escrituras <sup>5</sup> e que apareceu a Pedro depois aos doze; <sup>6</sup> logo após apareceu a mais de quinhentos irmãos de uma vez, dentre os quais muitos permanecem até agora, mas alguns dormiram; <sup>7</sup> logo após, apareceu a Tiago depois disso aos apóstolos todos; <sup>8</sup> e por último de todos como ao nascido fora de tempo apareceu também a mim. <sup>9</sup> Pois eu sou o menor dos apóstolos o qual não sou digno de ser chamado apóstolo, pois persegui a igreja de Deus; <sup>10</sup> Mas, pela graça de Deus sou o que sou, e a graça dele em mim não se tornou em vão, todavia mais abundantemente que eles todos trabalhei, não eu mas todavia a graça de Deus comigo. <sup>11</sup> Então se eu ou eles, assim proclamamos e assim crestes.

## 2. O CONTEXTO

Na sequência, far-se-á a análise do contexto histórico e cultural de I Coríntios, bem como a análise do contexto literário do trecho de 15.1-11. Ambas têm o objetivo de permitir uma melhor compreensão da passagem que está sendo estudada.

### 2.1 Contexto histórico

Acredita-se que a carta normalmente conhecida como I Coríntios seja, na verdade, a segunda carta escrita pelo apóstolo Paulo aos convertidos na Acaia. Uma carta anterior, mencionada em I Coríntios 5.9, foi perdida.<sup>11</sup> Archibald Thomas Robertson destaca que possivelmente a escrita da primeira carta tenha sido motivada pelo grande perigo da imoralidade existente naquela que era considerada a “pior das cidades gregas”.<sup>12</sup> Sobre a data e o local de escrita da carta, bem como seu valor para a vida moderna, ele escreve:

A epístola chamada I Coríntios constitui uma discussão. Foi escrita, provavelmente, na primavera de 57 (ou 56) d.C., embora Ramsay pense que a data houvesse sido o outono de 55 d.C. Este grande documento arde de paixão e poder. É vital para com as dificuldades reais com que se defrontava a igreja em Corinto. Aparentemente, é um panfleto indicando como enfrentar uma emergência, em vez de um tratado formal teológico. Mas é exatamente nisto que tem o seu tremendo valor para vida moderna. Paulo teve que enfrentar os problemas

<sup>11</sup> PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. *Foco e desenvolvimento no Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2008, p. 253.

<sup>12</sup> ROBERTSON, Archibald Thomas. *Word Pictures in the New Testament: The Epistles of Paul*. v. 4. Nashville: Broadman, 1931, p. 180.

reais de uma igreja nova numa cidade grande e má.<sup>13</sup>

Segundo Carlos Osvaldo Pinto, a datação exata normalmente varia de acordo com o esquema cronológico dos estudiosos. Tenney, por exemplo, sugere 55 d.C., Hoehner propõe 56 d.C. e Guthrie 57 d.C. Embora haja essa diferença de opinião com relação à data, normalmente se aceita que I Coríntios tenha sido escrita pelo apóstolo Paulo próximo ao final do seu ministério de três anos em Éfeso, conforme se lê em I Coríntios 16.8.<sup>14</sup> Da mesma forma, Mauerhofer afirma que há praticamente unanimidade entre os estudiosos quanto à aceitação de que I Coríntios tenha sido escrita durante a longa permanência do apóstolo Paulo em Éfeso, em sua terceira viagem missionária. Com relação à data, o autor defende a opinião de que a carta de I Coríntios tenha sido escrita na primavera de 54 d.C.<sup>15</sup>

Corinto estava entre as cidades mais importantes da Grécia. Por ser uma cidade servida por dois portos, tornou-se um importante centro comercial do império romano.<sup>16</sup> No ano de 146 a.C., depois de ter se rebelado contra Roma, a cidade foi destruída pelo cônsul romano L. Múmui. Na época, seus habitantes foram conduzidos à escravidão. Anos depois, aproximadamente em 46 a.C., a cidade foi reconstruída sob o comando de Júlio César. Em 29 a.C., Augusto a tornou capital da província romana da Acaia, que passou a ser separada da Macedônia e administrada por um procônsul.<sup>17</sup> Robertson classifica a cidade de Corinto como uma “grande metrópole comercial em desenvolvimento, rica e má”.<sup>18</sup>

De fato, embora fosse uma cidade de grande importância, intelectualmente viva e materialmente próspera, Corinto também era moralmente corrupta e seus habitantes eram “pronunciadamente propensos a satisfazer os seus desejos, fossem de que espécie fossem”.<sup>19</sup> A prosperidade material de Corinto era fruto de sua localização favorável. Mauerhofer explica que em Corinto havia diversos templos e “sobre uma colina, chamada de Acrocorinto, havia um templo da deusa Afrodite”. Segundo o autor, ao culto em honra a essa deusa grega do amor “associava-se a prostituição em larga escala, de modo que a imoralidade da cidade de Corinto se tornasse proverbial”.<sup>20</sup> Essa

<sup>13</sup> ROBERTSON, Archibald Thomas. *Épocas na vida de Paulo: um estudo do desenvolvimento na carreira de Paulo*. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987, p. 181.

<sup>14</sup> PINTO, 2008, p. 253.

<sup>15</sup> MAUERHOFER, Erich. *Uma introdução aos escritos do Novo Testamento*. São Paulo: Vida, 2010, p. 390.

<sup>16</sup> PINTO, 2008, p. 254.

<sup>17</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 384.

<sup>18</sup> ROBERTSON, 1987, p. 157.

<sup>19</sup> MORRIS, 1981, p. 12.

<sup>20</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 384.

depravação geral da população de Corinto tornou-se tão conhecida que Aristófanes, um comediante grego, criou o termo *κορινθιανίζουμαι* (“*korinthianizomai*”) para indicar que alguém vivia uma vida desregrada.<sup>21</sup>

Com relação à situação moral da cidade, Pinto explica que, na ocasião da chegada do apóstolo Paulo, Corinto ostentava, além do templo de Apolo, também o templo de Afrodite. Segundo o autor, nesse templo, cerca de mil prostitutas cultuais promoviam um culto que tornou a cidade uma referência de imoralidade. A decadência moral da cidade era tanta que ela foi descrita como “o paraíso do marinheiro, o céu do bêbado, e o inferno para uma mulher decente”.<sup>22</sup> Da mesma forma, Coleman afirma que havia cerca de mil prostitutas no templo da deusa Afrodite, na acrópole da cidade, e que a “grande prosperidade financeira do lugar se devia em larga escala à popularidade desse culto”. Conforme Coleman, a reputação da cidade era tal que o termo “mulher de Corinto” passou a ser sinônimo de prostituta.<sup>23</sup> Contudo, de acordo com Hörster, nem todos os estudiosos concordam que de fato existiram as mil prostitutas cultuais no templo de Afrodite. Baseado no estudo de Conzelmann, ele defende que essas eram “insinuações maldosas dos seus vizinhos”.<sup>24</sup> Ainda assim, isso não diminui o fato de que a cidade enfrentava uma situação moral decadente.

Por se tratar de um ponto de parada na rota de Roma para o Oriente onde se encontravam várias rotas de comércio, embora a cidade fosse inicialmente formada por romanos, ela passou posteriormente a contar com um grande número de gregos, além de homens de muitas raças orientais. A população judia também era grande o suficiente para que houvesse uma sinagoga (At 18.4). Portanto, a cidade na qual o apóstolo Paulo pregou o Evangelho era um lugar cosmopolita.<sup>25</sup> Embora não se saiba exatamente a população da cidade na época, estima-se que havia entre setenta e cem mil habitantes.<sup>26</sup> A população era bastante misturada, assim como as grandes cidades cosmopolitas da atualidade. Uma parte considerável era formada por escravos, havendo também um grande número de judeus.<sup>27</sup>

Neste contexto cultural tão variado, muitos dos membros da igreja eram oriundos de segmentos inferiores da sociedade (1 Co 1.26s). Mauerhofer destaca que pessoas

<sup>21</sup> PINTO, 2008, p. 254.

<sup>22</sup> PINTO, 2008, p. 253.

<sup>23</sup> COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Venda Nova: Betânia, 1991, p. 115.

<sup>24</sup> HÖRSTER, Gerhard. *Introdução e síntese do Novo Testamento*. Curitiba: Esperança, 1993, p. 94.

<sup>25</sup> MORRIS, Leon. *I Coríntios: introdução e comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1981, p. 11-12. (Série Cultura Bíblica)

<sup>26</sup> PINTO, 2008, p. 253.

<sup>27</sup> PINTO, 2008, p. 253.

com um passado de má fama também não faltavam na igreja (1 Co 6.11).<sup>28</sup> Os moradores haviam sido influenciados pelo espírito competitivo da cultura greco-romana, valorizando muito o status e a glória. Vencedores eram “respeitados e honrados” e, assim como em toda a Grécia, os sofismas filosóficos eram estimulados, prática que se tornou apreciada também na igreja.<sup>29</sup>

Percebe-se que o apóstolo Paulo tinha um grande cuidado e sentia-se responsável por todas as igrejas, como ele próprio expressou em 2 Coríntios 11.28. Conforme explicado anteriormente, possivelmente 1 Coríntios tenha sido escrita enquanto o apóstolo Paulo encontrava-se em Éfeso. Lá ele lutou contra a oposição dos judeus e a ira dos artífices que estavam perdendo seus negócios com as miniaturas do templo de Diana. Contudo, mesmo assim se preocupou em resolver os problemas de Corinto, além de supervisionar as coletas para os santos que estavam passando necessidades em Jerusalém. Como se não bastasse, o apóstolo preparava-se ainda para uma viagem a Macedônia, Acaia e Roma (At 19.21).<sup>30</sup>

Com relação à ressurreição, tratada de forma específica em 1 Coríntios 15, Mauerhofer defende a opinião de que ela não era diretamente negada em Corinto. Mas, segundo ele, o que caracterizava o pensamento dos coríntios é que eles “se satisfaziam com a renovação do seu espírito”, sem dar a devida importância à ressurreição do corpo. Por isso, baseado na ressurreição corporal de Jesus Cristo, Paulo enfrentou essa posição herética. Ele estava convicto do fato de que “a ressurreição por meio de Jesus vai assumir formas corporais”, além de crer que “a vida cristã só tem sentido se estiver baseada nesse pressuposto”.<sup>31</sup>

Na carta aos coríntios, o apóstolo Paulo possivelmente estava respondendo um a um os itens daquela carta que havia recebido da igreja. Isso pode ser percebido pelo constante uso de expressões como *περὶ δέ* (“*peri de*”, “com respeito a”).<sup>32</sup> Entretanto, ao contrário dos demais temas da carta, a questão da ressurreição, que é tratada no capítulo 15, não é introduzida por *περὶ δέ*. Essa diferença sugere que a explicação sobre a ressurreição não foi uma das respostas às perguntas enviadas a Éfeso pelos coríntios, mas um tema sobre o qual o apóstolo fez questão de tratar. O esclarecimento de Paulo está relacionado com o propósito final da carta, pois ele sabia que a corrupção da doutrina eventualmente levaria à corrupção da moralidade,

<sup>28</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 385.

<sup>29</sup> PINTO, 2008, p. 253-254.

<sup>30</sup> ROBERTSON, 1987, p. 167.

<sup>31</sup> HÖRSTER, 1993, p. 98.

<sup>32</sup> FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês?* 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997, p. 34-35.

frustrando a maturidade cristã.<sup>33</sup> O autor escreve:

O centro do problema era se a ressurreição era uma doutrina essencial para a fé. Parece que alguns em Corinto estavam negando pelo menos isso, talvez até negando totalmente a realidade da ressurreição. A correção de Paulo primeiro aponta para o fato de que a fidelidade à realidade da ressurreição é essencial para a fé cristã (15.1-11). A ressurreição não era apenas parte integral do Evangelho (15.3-4), era também amplamente atestada como um fato digno de confiança (15.5-10). As testemunhas oculares ainda podiam ser consultadas e o próprio pai espiritual deles havia visto o Senhor ressurreto! Abrir mão disso seria abandonar um fato da tradição cristã deles.<sup>34</sup>

Entre as razões para a dificuldade de os membros da igreja de Corinto aceitarem o fato da ressurreição, Pinto (2008) cita o desejo de competir com a elite intelectual da Grécia. Esta, segundo o autor, “não era apenas uma característica imatura, mas também um perigo insidioso para seu compromisso cristão”. Destaca-se a exortação do apóstolo em I Coríntios 15.58, pois ela revela a preocupação de que houvesse estabilidade e fidelidade a Cristo na conduta dos irmãos de Corinto.<sup>35</sup> A tabela a seguir apresenta os diferentes grupos filosóficos da época que possivelmente estavam influenciando os irmãos da igreja, gerando dificuldades para que estes aceitassem a realidade da ressurreição corporal de Jesus Cristo.<sup>36</sup>

Razões filosóficas para os problemas com a ressurreição em Corinto	
Épicureus	Negavam qualquer possibilidade de vida depois da morte.
Estoicos	Criam que a alma do indivíduo se fundia com a divindade, o que equivalia à perda da existência individual.
Platônicos	Negavam veementemente a possibilidade de ressurreição corpórea, a despeito da crença na imortalidade da alma.
Judeus	Se a sinagoga tivesse uma orientação dos saduceus, eles negariam a possibilidade da ressurreição (cf. Mt 22.23).

Neste contexto, o apóstolo Paulo percebeu a necessidade de defender que, mesmo contrariando o pensamento de diversos grupos filosóficos da época, a ressurreição era um fato comprovado por muitas testemunhas (1 Co 15.5-8). Negar essa verdade,

<sup>33</sup> PINTO, 2008, p. 269.

<sup>34</sup> PINTO, 2008, p. 270.

<sup>35</sup> PINTO, 2008, p. 271.

<sup>36</sup> PINTO, 2008, p. 271.

seguindo as influências dos grupos filosóficos da época, significaria para os coríntios ignorar a esperança fundamental do cristão. Pois, se não houvesse ressurreição, tanto a fé como a pregação seriam inúteis (1 Co 15.14) e, mais do que isso, os próprios apóstolos seriam considerados “falsas testemunhas de Deus” (1 Co 15.15).

## 2.2 Contexto literário

Conforme Zuck, o gênero literário das epístolas do Novo Testamento, de Romanos até Judas, pode ser chamado de “discurso lógico” ou “literatura epistolar”. Segundo o autor, as epístolas normalmente são compostas por discursos expositivos, que explicam determinadas verdades ou doutrinas, e discursos exortativos, que exortam os leitores a seguirem determinados comportamentos, ou a adquirirem certas características em virtude de verdades expostas.<sup>37</sup> No caso, o texto em estudo classifica-se como uma literatura epistolar de discurso principalmente expositivo, embora também apresente um caráter exortativo, especialmente no versículo 2.

Percebe-se que 1 Coríntios é uma carta epistolar aberta na qual o apóstolo Paulo compartilha orientações à igreja que foi fundada por ele.<sup>38</sup> A análise de inúmeras cartas antigas encontradas mostra que havia uma forma padrão seguida na maioria delas. Essa forma também é seguida em 1 Coríntios e consiste nas seguintes partes: a) nome do escritor; b) nome do destinatário; c) saudação; d) oração; e) corpo; e f) saudação final e despedida.<sup>39</sup> Na interpretação das cartas do NT, deve-se lembrar que estas normalmente eram ocasionais, ou seja, “embora sejam inspiradas pelo Espírito Santo (...) foram originalmente escritas no contexto do autor para o contexto dos destinatários originais”.<sup>40</sup>

Por esta razão, torna-se importante identificar se há um tema central na epístola ou qual o propósito do autor. Robertson defende que em 1 Coríntios não há um único tema ou doutrina central apresentada, mas que vários tópicos são tratados em grupos sucessivos.<sup>41</sup> O discurso do apóstolo Paulo, especialmente dos capítulos 13 e 15, mostra que o apóstolo Paulo “estava cômico da liderança divina na mensagem que enviava”.<sup>42</sup> Portanto, seu propósito, ao escrever a carta, seria tratar das diversas perguntas e

<sup>37</sup> ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1994, p. 154.

<sup>38</sup> HÖRSTER, 1993, p. 94.

<sup>39</sup> FEE, 1997, p. 30.

<sup>40</sup> FEE, 1997, p. 32.

<sup>41</sup> ROBERTSON, 1987, p. 181.

<sup>42</sup> ROBERTSON, 1987, p. 182.

informações que lhe haviam sido enviadas a respeito da igreja de Corinto.<sup>43</sup>

Com base nisso, Mauerofer organiza o esboço da carta, dividindo-a em sete partes principais: a) introdução (1.1-9); b) discurso contra as discórdias na igreja (1.10-4.21); c) discurso contra mazelas na igreja (5.1-6.20); d) respostas às perguntas da igreja (7.1-10.33); e) respostas aos diversos problemas (11.1-14.40); f) discurso sobre a ressurreição dos mortos (15.1-58); e g) final da carta (16.1-24).<sup>44</sup> Através do esboço, percebe-se que a questão da ressurreição dos mortos é abordada após ter sido tratado acerca dos problemas e das questões de ordem prática que estavam relacionadas com o dia a dia da igreja. Contudo, isso não significa que o tema seja menos importante. Pelo contrário, Morris classifica a questão da ressurreição como o “último e grandioso tema da epístola”.<sup>45</sup> O autor sintetiza a abordagem do apóstolo Paulo quanto à ressurreição nas seguintes palavras:

Alguns coríntios tinham negado que os mortos ressuscitarão (v. 12). Ele começa a mostrar que aquela negação não pode ser apoiada por um momento sequer, pois a ressurreição do crente é parte integrante da fé. Sem essa esperança, os cristãos seriam “os mais infelizes de todos os homens” (v. 19). Paulo parte dos primeiros princípios. Mostra que a ressurreição de Cristo é fundamental para o Evangelho, e daí, que a ressurreição de Cristo implica na ressurreição do cristão. Depois ele prossegue, tratando de objeções levantadas, ou que poderiam ser levantadas, e mostra como elas são infundadas.<sup>46</sup>

Aparentemente, o apóstolo Paulo soube acerca das diversas afirmações questionáveis que estavam sendo feitas sobre a ressurreição (cf. 1 Co 15.12) e, por essa razão, passou a explicar sobre as correlações existentes entre a ressurreição de Cristo, a ressurreição dos crentes no retorno de Jesus e a ressurreição para o juízo final.<sup>47</sup> O tema tinha tanta importância para o apóstolo que, mesmo depois de ter respondido todas as demais questões que lhe haviam sido enviadas pelos irmãos da igreja de Corinto, julgou necessário abordá-lo antes do encerramento da carta.

### 3. ANÁLISE DO TEXTO

No capítulo 15, o objetivo do apóstolo Paulo é mostrar aos coríntios que, com relação à ressurreição, “não se trata de opiniões que podem ser divergentes ou de

<sup>43</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 385.

<sup>44</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 381-382.

<sup>45</sup> MORRIS, 1981, p. 163.

<sup>46</sup> MORRIS, 1981, p. 163.

<sup>47</sup> MAUERHOFER, 2010, p. 386.

um tópico isolado da doutrina, no qual se poderia tranquilamente pensar de outro modo”. Conforme Boor, “aqui está em jogo o evangelho propriamente dito”.<sup>48</sup> De fato, em nenhum lugar na Bíblia a doutrina da ressurreição é tratada de forma tão profunda quanto no capítulo 15 de I Coríntios. Ali, o apóstolo Paulo faz uma síntese do Evangelho em três fatos essenciais: a) Cristo morreu pelos nossos pecados; b) Ele foi sepultado; e c) Ele ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras.<sup>49</sup>

O verso 1 inicia-se com a expressão γνωρίζω δὲ ὑμῖν (*gnôrizô de hymin*), “declaro a vós”). Barrett afirma que, com o termo γνωρίζω, o apóstolo Paulo está lembrando os coríntios daquilo que eles nunca deveriam ter esquecido.<sup>50</sup> O verbo γνωρίζω pode ser traduzido como “declaro” ou “faço conhecido”. Na opinião de Morris, Paulo escreveu em um “gentil tom de censura”, pois, embora alguns estivessem longe de apreciar o que o Evangelho significava, eles já o tinham recebido. O verbo παρελάβετε (*parelabete*), no aoristo, indica um ato único de recebimento.<sup>51</sup>

A expressão ὃ εὐηγγελισάμεν ὑμῖν (*ho euêngelisamen hymin*), por vezes traduzido como “que lhes preguei”, na verdade deriva da palavra εὐαγγέλιον (*euangelion*, “Evangelho”), também pode ser traduzida como “que evangelizei a vós” e literalmente traz a ideia de “anunciar boas novas”.<sup>52</sup> Já com relação à palavra παρελάβετε (*parelabete*, “recebestes”), David Prior explica que esta “refere-se a uma tradição oral estabelecida, transmitida pessoalmente, quase sempre por via oral, pelas testemunhas oculares originais dos fatos relativos à morte e ressurreição de Jesus”.<sup>53</sup> Ele destaca que o apóstolo Paulo usou o mesmo vocabulário para registrar a instituição da Ceia do Senhor em I Coríntios 11.23.<sup>54</sup>

O verso 2 indica que o Evangelho “é o meio que Cristo usa para efetuar a salvação”.<sup>55</sup> Morris destaca que o verbo σώξεσθε (*sôzesthe*, “sois salvos”) encontra-se no tempo presente, significando também “estais sendo salvos”. Quanto a isso, ele explica que “há um sentido em que a salvação é uma vez por todas (...) e também há um sentido em que ela é progressiva (...) É para esse caráter progressivo da salvação que Paulo dirige a atenção. A salvação não é esgotada pela experiência do homem quando ele

<sup>48</sup> BOOR, Werner de. *Primeira carta de Paulo aos Coríntios*. Curitiba: Evangélica Esperança, 2008, p. 234.

<sup>49</sup> LOPES, 2008, p. 274. (Série Comentário Esperança).

<sup>50</sup> BARRETT, 1817, p. 335.

<sup>51</sup> MORRIS, 1981, p. 163.

<sup>52</sup> GOULD, E. P.; HOVEY, Alvah (Edits.). *Comentário expositivo sobre el Nuevo Testamento: I Coríntios – 2 Tessalonicenses*. Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1973, p. 114.

<sup>53</sup> PRIOR, David. *A mensagem de I Coríntios* (A Bíblia Fala Hoje). São Paulo: ABU, 1993, p. 277.

<sup>54</sup> PRIOR, 1993, p. 277.

<sup>55</sup> MORRIS, 1981, p. 164.

começa a crer”.<sup>56</sup>

O apóstolo Paulo afirma aos coríntios que o Evangelho lhes proporciona salvação. Entretanto, a única restrição do apóstolo era a instabilidade da fé que eles tinham em Cristo. O ponto central do Evangelho envolve “uma compreensão firme dos fatos históricos” e parece que isso não estava acontecendo com a igreja de Corinto.<sup>57</sup> Não significa que os coríntios tivessem abandonado a fé, pois, segundo Robertson, a expressão εἰ κατέχετε (*“ei katechete”*, “se retendes”) é uma condicional de primeira classe. Seu uso indica que o apóstolo assumia que eles estavam se apegando firmemente à Palavra. Entretanto, ao mesmo tempo o apóstolo também os estava alertando quanto ao perigo de “crer em vão”, caso isso não acontecesse.<sup>58</sup>

No verso 3, a natureza derivativa do Evangelho é acentuada. O apóstolo Paulo não deu origem à mensagem do Evangelho, mas ele próprio transmitiu aquilo que havia recebido. De acordo com Morris, a expressão ἐν πρώτοις (*“en prôtois”*), traduzida por “primeiramente”, possivelmente não está relacionada com o tempo, mas com a importância da afirmação. Trata-se de uma introdução muito importante, que mostra que o apóstolo Paulo não está dando uma interpretação daquilo que lhe foi dito, mas transmitindo o Evangelho conforme ele foi pregado originalmente.<sup>59</sup>

O primeiro ponto dessa mensagem é “que Cristo morreu por nossos pecados” (ὅτι Χριστὸς ἀπέθανεν ὑπὲρ τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν, *“hoti Christos apethanen hyper ton hamartiôn hêmôn”*). A morte de Cristo encontra-se no centro da mensagem do Evangelho.<sup>60</sup> Não existe, conforme Prior, uma proclamação verdadeira do Evangelho sem que se explique, em termos neotestamentários, “a relação entre o pecado humano e a morte de Cristo. De fato, simplesmente não há evangelho nenhum, a não ser que a morte de Cristo possa ser vista como a solução única e definitiva para o problema do pecado”.<sup>61</sup> Ainda sobre a expressão ὑπὲρ τῶν ἁμαρτιῶν ἡμῶν (*“hyper ton hamartiôn hêmôn”*, “por nossos pecados”), segundo Robertson, o termo ὑπὲρ (*“hyper”*) pode indicar “sobre”, “em nome de”, ou mesmo “em vez de”, quando utilizado para pessoas. Mas, nesse caso, traz o mesmo sentido que περι (*“peri”*), que é mais comum no grego *koiné*.<sup>62</sup>

Nos versos 3 e 4, o apóstolo Paulo utiliza constantemente a expressão κατὰ τὰς

<sup>56</sup> MORRIS, 1981, p. 164.

<sup>57</sup> PRIOR, 1993, p. 277.

<sup>58</sup> ROBERTSON, 1931, p. 186.

<sup>59</sup> MORRIS, 1981, p. 164-165.

<sup>60</sup> MORRIS, 1981, p. 164-165.

<sup>61</sup> PRIOR, 1993, p. 278.

<sup>62</sup> ROBERTSON, 1931, p. 186.

γραφῶς (“*kata tas grafas*”, “de acordo com as Escrituras”). Prior lembra que, na noite da Páscoa, Jesus se encontrou com dois discípulos na estrada de Emaús, expondo-lhes o que constava a respeito dele nas Escrituras (Lc 24.13-27). Embora o AT fale em termos “obscuros” a respeito da ressurreição, “a esperança dos salmistas de que não ficariam no Sheol (...) fundamentava-se na firme confiança de que Deus tem poder sobre a morte”. Segundo Prior, da mesma forma “a salvação prometida por Deus aos patriarcas e seus descendentes continha implicitamente a certeza da ressurreição”.<sup>63</sup> A expressão também mostra que o Evangelho não foi um segundo plano de Deus, ou uma “ideia tardia”, mas algo que já havia sido predito havia muito tempo através da Escritura Sagrada.<sup>64</sup>

No verso 4 encontra-se a expressão καὶ ὅτι ἐτάφη (“*kai hoti taphē*”, “e que foi sepultado”). Esse “sepultar”, conforme Boor, “contém a realidade plena e a seriedade total da morte quanto ao seu uso”.<sup>65</sup> Prior explica que é possível que a frase tenha sido incluída “não apenas como um estágio necessário e real em todo o drama, mas como uma confirmação da realidade da morte e da ressurreição”.<sup>66</sup> Morris destaca que a igreja primitiva não tinha dúvidas quanto ao sepultamento de Cristo, pois ele é citado nos quatro evangelhos. Segundo o autor, “o enterro do corpo morto é o necessário prelúdio do túmulo vazio”.<sup>67</sup>

Na sequência, o texto apresenta o fato da ressurreição. Conforme Morris, o verbo é, na verdade, “ele foi ressuscitado” (“ἐγήγερται”, “*egēgertai*”). Aqui, assim como no restante do NT, a ênfase é na atividade do Pai ressuscitando o Filho. Morris destaca ainda que o tempo perfeito indica uma condição continuada, expondo a ênfase nos resultados permanentes do acontecimento. A ideia é que Cristo continua sendo o Senhor ressurreto. A expressão “de acordo com as Escrituras”, que aparece novamente, possivelmente está relacionada com o acontecimento da ressurreição e não necessariamente com o fato de esta ter ocorrido no terceiro dia.<sup>68</sup> Ainda sobre o uso do tempo perfeito do indicativo, Robertson também explica que a mudança do tempo verbal se deve ao fato de o apóstolo Paulo desejar enfatizar o aspecto permanente da ressurreição, pois Cristo continua ressuscitado.<sup>69</sup>

É nos versículos 3 e 4 que se encontra um resumo da mensagem do evangelho.

<sup>63</sup> PRIOR, 1993, p. 278.

<sup>64</sup> MORRIS, 1981, p. 165.

<sup>65</sup> BOOR, 2008, p. 234.

<sup>66</sup> PRIOR, 1993, p. 278.

<sup>67</sup> MORRIS, 1981, p. 165.

<sup>68</sup> MORRIS, 1981, p. 165.

<sup>69</sup> ROBERTSON, 1931, p. 187.

As três afirmações (morte, sepultamento e ressurreição) estão ligadas pela palavra καὶ (“kai”, “e”). Isso remete ao estilo semítico dos evangelhos, embora a construção não deva ser identificada necessariamente como um semitismo. As preposições curtas independentes, não subordinadas entre si, mostram a natureza da mensagem.<sup>70</sup>

Os versos 5 a 8 apresentam uma lista das aparições de Jesus após a ressurreição. Essa lista não é exaustiva e omite, por exemplo, sua aparição às mulheres. Robertson organiza uma lista das aparições de Cristo listadas no NT. O autor mostra que, das dez aparições registradas nas Escrituras, cinco são citadas pelo apóstolo Paulo entre os versículos 5 e 8. Ele escreve:

Há dez aparições indicadas ao lado da aparição a Paulo. Nove estão nos evangelhos (Maria Madalena em João e Marcos, a outra mulher em Mateus, os dois indo para Emaús em Lucas, Simão Pedro em Lucas e I Coríntios, os dez apóstolos e outros em Lucas, João e Marcos, os onze e outros em João, os sete à beira do mar em João, os mais de quinhentos na Galileia em Mateus, Paulo e Marcos, aos apóstolos em Jerusalém em Lucas, Marcos, Atos e I Coríntios) e uma em I Coríntios (a Tiago). Será visto que Paulo menciona apenas cinco das dez, e que a aparição a Tiago não é citada em nenhum outro lugar. Isso fornece evidências conclusivas sobre o fato, particularmente quando ele é reafirmado a partir de sua própria experiência. O caminho para provar esse grandioso fato é começar com o testemunho do próprio Paulo dado nesta inquestionável epístola.<sup>71</sup>

A forma natural de se compreender os advérbios de tempo utilizados pelo apóstolo Paulo, no trecho entre os versos 5 e 8, é cronológica. São utilizados: εἴτα (“eita”, “então”), ἔπειτα (“epeita”, “então”), ἔπειτα (“epeita”, “então”), εἴτα (“eita”, “então”) e ἔσχατον δὲ πάντων (“eschaton de pantôn”, “por último”).<sup>72</sup>

Conforme Morris, a expressão δώδεκα (“dōdeka”, “doze”), presente no verso 5, é evidentemente um título geral que se refere aos apóstolos, ainda que Judas não estivesse mais entre eles. Caso a referência seja ao ocorrido na ocasião da Páscoa

<sup>70</sup> BARRETT, C. K. *A commentary on the first epistle to the corinthians* (Harper's New Testament Commentaries). New York: Harper & Row, 1817, p. 338.

<sup>71</sup> ROBERTSON, 1931, p. 187-188. “There are ten appearances given besides the one to Paul. Nine are in the Gospel (Mary Magdalene in John and Mark, the other women in Matthew, the two going to Emmaus in Luke, Simon Peter in Luke and I Corinthians, the ten apostles and other in Luke and John and Mark, the eleven and others in John, the seven by the sea in John, the over five hundred in Galilee in Matthew and Paul and Mark, to the apostles in Jerusalem in Luke and Mark and Acts and I Corinthians) and one in I Corinthians above (to James). It will be seen that Paul mentions only five of the ten, one, that to James, not given elsewhere. What he gives is conclusive evidence of the fact, particularly when re-enforced by his own experience (...). The way to prove this great fact is to start with Paul's own witness given in this undoubted Epistle”.

<sup>72</sup> ROBERTSON, 1931, p. 188.

(conforme Lc 24.36ss e Jo 20.19ss), Tomé também não estava presente.<sup>73</sup> Da mesma forma, Roberson também explica que δώδεκα é um termo técnico que se refere aos apóstolos.<sup>74</sup>

Quanto à aparição “a mais de quinhentos irmãos”, presente no verso 6, é possível que seja uma referência ao relato de Mateus 28.16ss. Caso não seja, trata-se de um acontecimento mencionado apenas nessa passagem.<sup>75</sup> Ainda assim, o acontecimento é de extrema importância, pois não há nenhum outro relato de um número tão grande de pessoas testificando o fato da ressurreição. Segundo Morris, “a insistência de Paulo em que a maioria delas ainda vivia mostra a confiança com que pode apelar para seu testemunho. Podiam ser interrogadas e os fatos postos às claras”.<sup>76</sup> Prior lembra que 1 Coríntios possivelmente tenha sido escrita no final dos anos cinquenta e que os fatos referentes à ressurreição de Jesus haviam acontecido aproximadamente 20 anos antes. Ou seja, em virtude da existência de testemunhas oculares, o apóstolo Paulo não hesitou em responder às dúvidas dos coríntios apelando para provas históricas.<sup>77</sup> Ele escreve o seguinte:

A referência de Paulo a uma única aparição para mais de quinhentos irmãos reunidos é obviamente um elemento muito forte em seu argumento sobre a verdade da ressurreição de Jesus, especialmente porque a maioria deles ainda vivia, podendo ser consultados pessoalmente.<sup>78</sup>

Robertson defende que o incidente mencionado pelo apóstolo Paulo é o mesmo descrito por Mateus, em Mateus 28.16, que ocorreu em um monte na Galileia. A força desse testemunho reside justamente no fato que a maior parte dos irmãos (“οἱ πλείονες”, “*oi pleiones*”) continuava viva quando o apóstolo Paulo escreveu a carta, não mais do que 25 anos após a ressurreição de Jesus.<sup>79</sup>

No verso 7 encontra-se relatada a aparição de Jesus a Tiago. Conforme Morris, “nada mais se sabe do aparecimento a Tiago. Nem se tem certeza sobre qual é o Tiago que se tem em mente”.<sup>80</sup> Entretanto, a maioria dos estudiosos acredita que se trata de Tiago o irmão do Senhor Jesus. É possível também que ele tenha se convertido a partir dessa aparição, bem como seus irmãos, tendo em vista que o texto de Jo 7.5 mostra

<sup>73</sup> MORRIS, 1981, p. 165.

<sup>74</sup> ROBERTSON, 1931, p. 188.

<sup>75</sup> MORRIS, 1981, p. 165.

<sup>76</sup> MORRIS, 1981, p. 166.

<sup>77</sup> PRIOR, 1993, p. 277.

<sup>78</sup> PRIOR, 1993, p. 279.

<sup>79</sup> ROBERTSON, 1931, p. 188.

<sup>80</sup> MORRIS, 1981, p. 166.

que eles não criam em Jesus durante o seu ministério.<sup>81</sup> Robertson (1931) também defende que o Tiago citado no versículo 7 seja realmente o irmão de Jesus. Segundo ele, esse fato explicaria a presença dos irmãos de Jesus no aposento superior pouco tempo após a ressurreição, conforme o relato presente em At 1.14.<sup>82</sup>

O verso 7 encerra-se com a expressão “depois disso aos apóstolos todos”. Barrett explica que o termo “aos apóstolos todos” significa evidentemente “todos com exceção de mim”. O apóstolo Paulo não tinha dúvidas quanto ao seu apostolado, o que fica claro na sequência do texto.<sup>83</sup> Sobre as testemunhas citadas pelo apóstolo e a importância conferida por ele à ressurreição de Jesus, Morris escreve:

Este rol de testemunhas indica a importância que Paulo dá à ressurreição do Senhor. Ele está prestes a mostrar as suas consequências para a fé cristã, e lança os alicerces mostrando quão bem fundamentada é a crença nela. Ele não nos dá uma lista completa de testemunhas, mas dá o bastante para mostrar que o fato é extremamente bem atestado. Tão digna de confiança é a prova, que tem que ser aceita, e Paulo pode prosseguir daí em diante.<sup>84</sup>

É no verso 8 que o apóstolo Paulo afirma que Jesus apareceu a ele. Conforme Morris, “Paulo coloca a visão que tivera no caminho de Damasco no mesmo nível das outras aparições da ressurreição”.<sup>85</sup> Com relação à expressão ἐκτρόματι (“*ektrômati*”), o autor explica que significa “o nascimento prematuro”, ou mesmo “o aborto”. No contexto, a palavra indicaria “sua violenta e antinatural entrada no colégio apostólico”.<sup>86</sup> Robertson esclarece que o termo ocorre pela primeira vez em Aristóteles, indicando aborto espontâneo ou induzido. O termo também ocorre na LXX (Nm 12.12; Jó 3.16) e em papiros (indicando aborto acidental).<sup>87</sup> De acordo com Prior, nesse caso a palavra não deve ser tomada literalmente, pois “ao que tudo indica o termo foi usado como uma forma de exagero”.<sup>88</sup>

A afirmação do apóstolo Paulo “apareceu também a mim”, possivelmente é a frase mais significativa do texto. Com ela, o apóstolo estaria a dizer pelo menos duas coisas: a) seu encontro com Jesus ressurreto tem a mesma validade e natureza que

<sup>81</sup> MORRIS, 1981, p. 166.

<sup>82</sup> ROBERTSON, 1931, p. 188.

<sup>83</sup> BARRETT, 1817, p. 343.

<sup>84</sup> MORRIS, 1981, p. 166.

<sup>85</sup> MORRIS, 1981, p. 166.

<sup>86</sup> MORRIS, 1981, p. 166.

<sup>87</sup> ROBERTSON, 1931, p. 188.

<sup>88</sup> PRIOR, 1993, p. 279.

os demais por ele registrados; e b) depois que Jesus apareceu a ele não houve mais outras aparições dessa natureza. Uma indicação disso, segundo Prior, seria o uso do termo ἔσχατος (*“eschatos”, “por último”*). Na opinião do autor, o texto daria base para uma correção necessária àqueles que afirmam terem visto a Jesus. Embora isso possa acontecer, “de forma alguma é igual à experiência que Paulo teve na estrada de Damasco”.<sup>89</sup>

No versículo 9, o uso enfático do pronome pessoal ἐγὼ (*“egô”, “eu”*) destaca a grandeza da complacência de Cristo, o qual apareceu até ao apóstolo Paulo, que se considerava “o menor dos apóstolos”. Contudo, isso não significa que seu apostolado fosse inferior, pois em outro texto Paulo defende seu apostolado (veja 2 Co 11.5). Nesse caso, o que Paulo quer dizer é que sua reputação fez dele o menor de todos, pois ele “nem era digno de ser apóstolo”.<sup>90</sup> O apóstolo Paulo reconhece, no verso 10, que é pela graça de Deus que ele se tornou cristão e apóstolo. Aqui, segundo Robertson, expressão ὅ ἐγώ (*“ho eimi”*) deve ser traduzida por “o que” e não por “quem”, pois refere-se ao atual caráter e realizações do apóstolo.<sup>91</sup>

Em vez de atribuir qualquer glória a si, o apóstolo Paulo atribui tudo o que fez na obra cristã à graça de Deus. Foi justamente essa graça que foi capaz de transformar um perseguidor da igreja em um zeloso pregador. A palavra ἐκοπίασα (*“ekopiasa”*), aoristo indicativo ativo do verbo κοπιᾶω (*“kopiāō”*), indica “trabalhar ao ponto de exaustão”. Conforme a explicação de Morris, “Paulo acentua que tinha labutado arduamente no desempenho do seu apostolado”.<sup>92</sup> O apóstolo Paulo fala da graça utilizando a expressão σὺν ἐμοί (*“syn emoi”, “comigo”*). Dessa forma, “quase faz da graça um colaborador trabalhando ao lado dele”, isso demonstra que o crédito não pertence a ele, mas sim a Deus.<sup>93</sup> Nas palavras de Prior, “a única resposta adequada à graça é um compromisso total, envolvendo cada célula do nosso ser”<sup>94</sup> e foi justamente essa a resposta do apóstolo.

A conclusão presente no verso 11 é que só existe um Evangelho, independentemente de quem o esteja pregando. O apóstolo Paulo destaca que havia transmitido o Evangelho, mas que não foi o seu autor. Listou alguns dos pontos mais importantes da mensagem apostólica, mencionando suas provas da ressurreição. Agora, no verso

<sup>89</sup> PRIOR, 1993, p. 279.

<sup>90</sup> MORRIS, 1981, p. 166.

<sup>91</sup> ROBERTSON, 1931, p. 189.

<sup>92</sup> MORRIS, 1981, p. 166.

<sup>93</sup> MORRIS, 1981, p. 167.

<sup>94</sup> PRIOR, 1993, p. 280.

II, afirma que é essa a mensagem dos pregadores. Ou seja, esse é o Evangelho autêntico que todos os apóstolos fazem seu costume proclamar. Conforme Morris, a afirmação “e assim crestes” lembrava à igreja que esta era a base da sua fé.<sup>95</sup> Quanto a isso, Barrett escreve:

Nós todos anunciamos que Cristo morreu, foi sepultado e foi ressuscitado. Não há cristianismo sem essa afirmação. E, Paulo acrescenta, vocês aceitaram isso. Se vocês são cristãos de fato vocês devem se comprometer com a crença que Jesus Cristo foi ressuscitado dentre os mortos.<sup>96</sup>

A veracidade histórica da ressurreição de Jesus, assim como a ressurreição no final dos tempos, é considerada por muitos como algo que contraria a razão humana.<sup>97</sup> Essa dificuldade, conforme foi visto, havia nos dias do apóstolo Paulo. Essa foi a razão pelo qual o apóstolo Paulo forneceu aos coríntios pelo menos três provas da ressurreição: a) a própria salvação dos coríntios (1 Co 15.1-2), pois se Cristo não houvesse ressuscitado, não teria credencial alguma para salvar; b) a própria Escritura do AT (1 Co 15.3-4), indicando que a morte de Jesus não foi um acidente, nem sua ressurreição uma surpresa, pois tudo já estava profetizado; e c) o fato de Cristo ter sido visto por várias testemunhas, incluindo o próprio apóstolo (1 Co 15.5-11).<sup>98</sup>

Nos dias de hoje, muitos têm dificuldade de crer na ressurreição por esta não ser um fato científico que possa ser reproduzido. Ainda assim, Lopes explica que a ressurreição de Jesus se constitui como uma “prova judicial” que, embora não possa ser reproduzida, possui evidências incontestáveis. As provas da ressurreição não se limitam às provas históricas e judiciais, mas incluem também provas morais, emocionais e existenciais, que podem ser verificadas através da transformação de vida dos discípulos de Jesus.<sup>99</sup>

#### 4. SÍNTESE

O estudo mostrou que o contexto de Corinto se caracterizava por prosperidade material, decadência moral, multiculturalidade e influência de grupos filosóficos que negavam a possibilidade da ressurreição. O apóstolo Paulo, movido por um

<sup>95</sup> MORRIS, 1981, p. 167-168.

<sup>96</sup> BARRET, 1817, p. 346. “We all announce that Christ died, was buried, and was raised. There is no Christianity without this affirmation. And, Paul adds, you accepted it. If you are Christians at all you are committed to the belief that Jesus Christ was raised from the dead.”

<sup>97</sup> AZEVEDO, Israel Belo de. *As mensagens nas epístolas aos coríntios (1 e 2): Um vocabulário para uma vida viva*. Rio de Janeiro: JUERP, 2004, p. 139.

<sup>98</sup> LOPES, 2008, p. 276.

<sup>99</sup> LOPES, 2008, p. 276.

sentimento de zelo pela igreja e percebendo o desvio doutrinário que formava, fez questão de retomar com os coríntios os princípios fundamentais do Evangelho, que incluem a realidade da ressurreição de Jesus, mesmo não tendo sido questionado diretamente por eles. Muito possivelmente, o leitor de hoje encontrará paralelos entre a sociedade atual com a realidade de Corinto. Assim, entende-se que a carta também fala aos cristãos da atualidade.

Percebeu-se que, mesmo após alguém ter recebido o Evangelho, pode ser necessário, em alguns casos, lembrar sua mensagem principal (1 Co 15.1). Isso porque a salvação, embora possa ser vista como um momento na vida do cristão, também se caracteriza como um processo em andamento (1 Co 15.2). Ao longo do tempo, novos conhecimentos e ideias surgem e o entendimento sobre determinados assuntos pode mudar. Ainda assim, o cristão deve permanecer firme naquilo que é fundamental: Cristo morreu pelos pecados da humanidade, foi sepultado e ressuscitou no terceiro dia, segundo as Escrituras (1 Co 15.3-4).

É claro que há espaço para diferentes opiniões em pontos periféricos da mensagem cristã (o que explica, em alguns casos, a existência de diferentes denominações). Contudo, o ponto doutrinário central deve permanecer inalterado. O cristianismo se fundamenta em um fato histórico, não apenas em princípios éticos ou morais. Negar esse fato significaria abrir mão da essência da religião cristã. O apóstolo Paulo fez questão de deixar claro que o evangelho não é uma invenção humana e que, portanto, não pode ser modificado. Aquilo que o apóstolo recebeu foi também aquilo que transmitiu (15.3).

A ressurreição pode ser atestada por inúmeras testemunhas. Mesmo não apresentando uma lista exaustiva (o que pode ser percebido através da análise dos demais textos neotestamentários), o apóstolo Paulo apelou para o testemunho de pessoas que viram Jesus ressuscitado e que poderiam ser consultadas pelos irmãos de Corinto (1 Co 15.5-7). Ele também incluiu a si próprio como testemunha da ressurreição (1 Co 15.8). Isso demonstra a confiança do apóstolo na realidade do fato. Hoje, embora não haja mais testemunhas oculares capazes de dar seu depoimento pessoal, a Escritura e a existência da igreja também se constituem como provas acerca dos fatos que ocorreram há quase dois mil anos. A observação detalhada do grego presente no texto mostrou que Jesus ressuscitou e permanece vivo (15.4). Do mesmo modo, a experiência de inúmeros cristãos que tiveram suas vidas transformadas pela mensagem do Evangelho também serve de testemunho do poder do Cristo

ressuscitado.<sup>100</sup>

Há um Evangelho a ser pregado. Não importa quem o anuncie, é a essa mensagem que os cristãos devem se apegar com firmeza (1 Co 15.1; 11). O valor encontra-se justamente na mensagem e não no pregador (1 Co 15.11). O próprio apóstolo Paulo reconheceu não ser digno do seu chamado apostólico e que este foi fruto da graça de Deus. Embora o apóstolo Paulo tenha, depois do seu encontro com Jesus, se empenhado ao máximo para a proclamação do Evangelho, chegando ao ponto de trabalhar até a exaustão, tudo isso, segundo ele, foi o resultado da ação da graça de Deus em sua vida (1 Co 15.9-10). Da mesma forma, entende-se que a igreja hoje deve continuar se empenhando para transmitir o Evangelho verdadeiro.

## REFERÊNCIAS

ALAND, Barbara; ALAND, Kurt (Orgs.). *O Novo Testamento Grego*: quarta edição revisada. SBB, 2012. 991 p.

AZEVEDO, Israel Belo de. *As mensagens nas epístolas aos coríntios (1 e 2)*: Um vocabulário para uma vida viva. Rio de Janeiro: JUERP, 2004. 160 p.

BARRETT, C. K. *A commentary on the first epistle to the corinthians* (Harper's New Testament Commentaries). New York: Harper & Row, 1917. 410 p.

**BÍBLIA SAGRADA**: Nova Versão Internacional. Barueri: Sociedade Bíblica Internacional, 2003. 1002 p.

BOOR, Werner de. *Primeira carta de Paulo aos coríntios*. Curitiba: Esperança, 2008. (Comentário Esperança).

COLEMAN, William L. *Manual dos tempos e costumes bíblicos*. Venda Nova: Betânia, 1991. 360 p.

CRAIG, William Lane. *Apologética contemporânea: a veracidade da fé cristã*. 2.ed.

<sup>100</sup>Uma boa argumentação acerca da historicidade da ressurreição de Jesus também é elaborada por William Lane Craig. Em síntese, o autor apresenta três evidências em favor da ressurreição: 1) o túmulo vazio; 2) as aparições relatadas no NT; e 3) a origem da fé cristã (CRAIG, 2012, p. 319-383).

São Paulo: Vida Nova, 2012. 400 p.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** 2.ed. São Paulo: Vida Nova, 1997. 330 p.

GOULD, E. P.; HOVEY, Alvah (Edits.). **Comentário expositivo sobre el Nuevo Testamento: 1 Coríntios – 2 Tesalonicenses.** Buenos Aires: Casa Bautista de Publicaciones, 1973. 535 p.

HÖRSTER, Gerhard. **Introdução e síntese do Novo Testamento.** Curitiba: Esperança, 1993. 197 p.

KUNZ, Claiton André. Método histórico-gramatical. In: **Via teológica.** Curitiba: FTBP, 2008. n. 16, v. 2, p. 23-53.

LOPES, Hernandes Dias. **1 Coríntios: como resolver conflitos na Igreja.** São Paulo: Hagnos, 2008. 303 p. (Comentários Expositivos Hagnos).

MAUERHOFER, Erich. **Uma introdução aos escritos do Novo Testamento.** São Paulo: Vida, 2010. 622 p.

MORRIS, Leon. **1 Coríntios: introdução e comentário.** São Paulo: Vida Nova, 1981. 199 p. (Série Cultura Bíblica)

OMANSON, Roger L.; SCHOLZ, Vilson. **Variantes textuais do Novo Testamento: análise e avaliação do aparato crítico de “O Novo Testamento Grego”.** São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010. 575 p.

PINTO, Carlos Osvaldo Cardoso. **Foco e desenvolvimento no Novo Testamento.** São Paulo: Hagnos, 2008. 631 p.

PRIOR, David. **A mensagem de 1 Coríntios.** São Paulo: ABU, 1993. 305 p. (A Bíblia Fala Hoje)

ROBERTSON, Archibald Thomas. **Word Pictures in the New Testament.** The

Epistles of Paul. v. 4. Nashville: Broadman, 1931. 634 p.

ROBERTSON, Archibald Thomas. *Épocas na vida de Paulo: um estudo do desenvolvimento na carreira de Paulo*. 3.ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1987. 293 p.

ZUCK, Roy B. *A interpretação bíblica: meios de descobrir a verdade da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova, 1994. 356 p.



A Revista Batista Pioneira está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição - Não Comercial - Sem Derivações - 4.0 Internacional